ANO 1.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 28 DE NOVEMBRO DE 1921 N.º 201

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

NO Porto estalou mais uma bomba que feriu três pessoas. Não sabemos se a policia dará com o autor do delito. Pode muito bem acontecer que não, visto que a sua especialidade, neste momento, não é impedir crimes nem descobrir criminosos, mas sim estudar a melhor maneira de resolver o problema politico. A democracia do sabre é um facto que muito honra os nossos costumes.

* * *

EMQUANTO a policia de investigação criminal promove rusgas em que são apanhados gatunos de nomeada, a Boa-Hora pôe-nos em liberdade, talvez com o intuito de que Lisboa não fique sem especies delinquentes. Embora este cuidado seja respeitavel, no emtanto, afigura-se-nos conveniente que se garanta ao lisboeta pelo menos o minimo de segurança compativel com as necessidades dos tribunais. E' pedir de mais?

* * *

NA ultima audiencia ao corpo diplomático que esteve muito concorrida, entregou as suas credenciais ao sr. ministro dos estrangeiros o encarregado dos negócios da Finlândia que se entreteve largo tempo com o sr. dr. Veiga Simões.

Falou-se, segundo cremos, dum próximo tratado de comércio entre os dois pasies, que abrirá aos nossos vinhos um mercado até agora proibicionista. Parece haver da parte da Finlândia a melhor vontade em concluir êsse acôrdo.

* * *

NUMA entrevista que publicámos na passada sexta-feira, defendeu o dr. Serrão Marreiros a idéa do governo ampliar a entrada, pelo menos até Janeiro, dos azeites estrangeiros.

Já anteriormente o sr. dr. Veiga Simões, para garantir a regularidade da expansão de conservas nos nossos habituais mercados, apresentara essa idéa que foi aprovada em conselho de ministros.

* * *

VISITOU no sabado as novas instalações do *Diário de Lisboa*, tendo dirigido a todos os que nele trabalham, palavras de apreço e afecto, o distinto escritor e comediografo sr. André Brun.

* * *

TRINDADE Coelho, o ilustre jornalista que o sr. presidente do ministerio quizera ver no proximo parlamento, é de opinião que as cleições, antes da pacificação do país, são um erro. Se houvessemos de esperar por esse estado de ventura nacional, era possivel que só muito tarde o povo viessse a ser feliz. A ditadura é um regime demasiado forte para o nosso sentimento das conveniencias.

* * *

VALERIO Cordeiro consagrou a D. Nuno Alvares Pereira um volume em que estuda a sua grande figura, um pouco á maneira dos primitivos. Encara a historia como uma fonte de poesia, sem deixar de lêr e interpretar bem os documentos. O santo condestavel aparece na verdade ingenua e candida da sua alma, de maneira a ser compreendido pelo povo que vê nele uma das certesas da sua crença heroica.

O CONGRESSO ECONOMICO

Não teem sido, felizmente, um mero espectaculo de fogo de vistas as sessões do Congresso Economico Nacional em que os representantes mais notaveis das chamadas forças vivas veem demonstrando que não só conhecem os assuntos economicos e financeiros, em relação á nossa crise, mas tambem que os anima um honrado proposito de se dedicarem ao bem do país.

A discussão a respeito do funcionalismo publico e da necessidade de o reduzir a justas proporções manteve-se numa excelente atmosfera, alheia a qualquer preocupação politica, sendo a respectiva tese encarada sob todos os seus aspectos. Houve congressistas que marcaram bem a sua importancia, mostrando, por exemplo, o sr. Bento Carqueja que se impõe, sobretudo, uma reforma bem ampla e moderna do nosso funcionalismo, aproveitando-se o ensejo para se renovar toda a nossa administração.

A questão cerealifera, que muita gente julga, na sua ingenua fé, poder resolver-se isoladamente, foi tratada como fazendo parte do conjunto de medidas a que os nossos governos teem que meter ombros, a fim de imprimirem á produção nacional o desenvolvimento de que necessita, para que deixemos de ser escravos dos mercados externos, em materia de subsistencias.

A lei 999 sofreu a critica que merece, visto ser apontada e com razão como uma causa do encarecimento da vida e ao mesmo tempo como um terrivel obstaculo para a normalização da actividade produtora e comercial.

A tese *Questão Monetaria em Portugal*, que o sr. Bento Carqueja estudou largamente, corresponde a uma necessidade tão profunda para a regularização das nossas finanças que bom seria que o publico esclarecido aproveitasse tão util lição.

O dinheiro, a não ser para os avarentos que se sensualisam com a sua posse, é simplesmente um agente da produção, valendo o que esta valer. Como muito bem disse o sr. Bento Carqueja é o Estado que hoje consome a moeda como qualquer proprietario arruinado que, devendo cuidar do seu patrimonio, o empenha só para obedecer á lei do menor esforço. A sua acção perdularia, sem tino nem previsão, tem exercido sobre o país a peor das influencias.

Se dermós credito, porém, ás palavras dos *leaders* dos varios partidos, brevemente se mudará de rumo, começando o Estado a pôr as suas contas em ordem e a viver uma existencia honesta, dentro das regras da moral e da economia.

O Congresso Economico Nacional prova eloquentemente que o apoio que puder com justiça reclamar das forças vivas, estas lho darão com um largo espirito patriotico. Eis um belo sintoma!

A oração do momento

— O pão nosso de cada três dias, nos dai hoje...

NA ameaça de ser desalojado o nosso Embaixador no Rio, a casa ser vendida, e ir esse alto funcionario habitar um hotel por falta de casa para viver, o sr. ministro dos estrangeiros, energicamente, mandou comprar o edificio, onde residirá durante a sua permanencia no Brasil o sr. presidente da Republica.

Ao que nos dizem, alguma coisa de análogo se vai passar com a legação em Londres.

O dono do predio, o velho *landlord* visconde de Portland não deseja mais alugá-lo: vende-o. A nossa representação em Londres não encontraria facilmente casa onde se instalar, nem o sr. Teixeira Gomes onde fosse recolher o seu precioso museu.

Parece que o sr. dr. Veiga Simões soube que em Londres andavam extraviados alguns milhares de libras, que não voltariam a Portugal. E mandou-os aplicar na compra da legação.

* * *

O SR. ministro dos Estrangeiros, se porventura concentrar bem a sua actividade e a dos seus excelentes colaboradores nas reformas já anunciadas, iniciará uma obra de largo alcance que em, futuro não remoto, será de muita importancia para o nosso resurgimento.

Torna-se, porém, absolutamente necessario que a sua acção seja continua e não sofra qualquer perturbação das que frequentemente sepultam em ruinas tentativas que a rotina não pode tolerar.

* * *

DUMA entrevista com uma das figuras notaveis do actual governo:—«Estamos á vontade. Corrida a porta envidraçada, a disfarçar um lar de hospitalidade e beleza, á esquerda um gabinete de trabalho arejado, idéas novas, novos processos, *um ambiente de invulgaridade de mistura com os* mapples *inevitaveis e umas quantas preciosidades,* cuja enumeração deve ficar escondida á avida curiosidade do indigena».

* * *

UMA boa nova aos artistas.

O sr. ministro dos Estrangeiros, no meio da tormenta das questões politicas e economicas que paira sobre o seu ministerio, não se esquece das coisas de arte, que noutro tempo cultivou num jardim tratado a esmero.

Lembrando-se que os grandes embaixadores de certos países têm sido os seus artistas, vai, ao que nos consta, fazer consignar na reforma dos serviços a seu cargo que anualmente o orçamento de seu ministerio inscreverá uma verba para a compra de obras de arte portuguesas para as nossas legações, e uma outra para promover e subsidiar exposições periodicas dos nossos artistas no estrangeiro.

* * *

BRAMÃO de Almeida reuniu em volume os seus melhores «Sonetos» que agora publicou, dedicando-os a Acacio de Paiva. Poeta sem preocupações, escreve despreocupadamente, deixando variar o seu estro ao sabor das horas que são diferentes como as côres do espectro.

* * *

DEVE ser assinado ainda esta semana o tratado de comércio com a Alemanha.

CARTA DE PARIS

QUEM SUBSTITUIRÁ O DRAMATURGO PAUL GAVAULT no Théâtre Odéon?

O que se ouviu no ensaio geral da peça de Victor Margueritte intitulada "LA MAISON DE L'HOMME"

A acção de Gavault durante a guerra —— Oito peças permanentes —— Uma receita que de 800.000 francos passa a 3.500.000

PARIS, 18 de Novembro

Apoz sete anos de administração verdadeiramente acertada, Paul Gavault abandonou o **teatro Odéon.**

A demissão apresentada com firmeza pelo **escritor brilhante** que fez mais do que se exige **ao director do segundo palco de Paris** causou **a maior surpreza e a maxima** sensação, tanto **no elemento dramatico como no elemento politico. E a noticia, ou antes, o facto** deve ser **ainda por algumas** semanas o assunto capital **das melhores** palestras de bastidores.

Os jornais mostram artigos de colunas com **a firma dos maiores** influentes da scena e da **politica contemporaneas.** Porque, francamente, **a resolução não é banal.** Merece mesmo o **reparo ministerial.** Eis porque Berard aperta as mãos na cabeça e passando em revista o *dossier* dos concorrentes ao alto cargo onde a politica tambem mete o bedelho volta-se para os seus **amigos e diz:** *olhem para esta lista enorme e pesada, cheia de talento e de «rosetas vermelhas».* Com efeito ha nomes que têm «fauteuil» na Academia Francesa, palma de vitoria que Gavault ainda não colheu; por exemplo: Jean Richepin. E ha nomes que têm direito á muita consideração da patria; por exemplo: Gémier — *accoucheur* da *mise-en-scéne* e propulsor do teatro popular. E quantos mais? Jacques Hebertot, director do teatro dos Camps Eliseos; Jacques Richepin, director do teatro Renaissance; o actor Le Bargy, o romancista Pierre Benoit, etc. E' uma lista de respeito. Conforme já disse um cronista «ninguem quere uma legação e toda a gente pretende um teatro».

Confesso que não tenho lido com interesse **tudo** quanto se pode lêr nos jornais. Acho **preferivel interrogar nos camarins e ouvir nos corredores. Ora a noite de ontem foi magnifica. E vou repetir o melhor do que** me **disseram no ensaio geral da peça de** Victor **Margueritte** que se chama *La Maison de l'Homme.*

* * *

Paul Gavault entrou no Odéon em 1914 **quando a França** se vestia de azul horisonte **para se defender da Prussia.** A epoca era **pessima** e perigosa para assumir a gerencia **de um teatro** dificil de orientar e de sustentar que, como disse, e muito bem, Jacques Richepin, *est sans doute un théâtre de débutants pour «auteurs», mais non pas pour «directeurs».*

Pouco depois de ter abandonado a sua **pena de escritor** e de transferir toda a sua **actividade** para o gabinete da margem esquerda do Sena, ainda quente da administração pouco feliz, mas honrada, de Antoine, ei-lo sob as bombas de *gothas* e sob os obuzes dos *berthas* resistindo a este vendaval de **metralha com tanta** coragem e com tanta proficiencia que garantiu o pão de noventa e dois artistas e dum pessoal bastante numeroso sem agravar a situação financeira do cofre do teatro nem do tesouro nacional! Mas fez mais: manteve as tradições do repertorio, estabeleceu o equilibrio de 8 peças permanentes com os seus nucleos de artistas (independentes) e aumentou a receita anual que de 800.000 francos subiu a três milhões e quinhentos mil francos! Dir-me-heis, talvez, que os preços do teatro foram elevados. E eu respondo que sim, senhor, mas que esse aumento não vai além de uma média geral de 200 °|₀, ficando pois um excedente liquido de *um milhão e cem mil francos!* E se alguem, por aí, tiver curiosidade em estudar o caso, desde já me compromento a facultar-lhe os relatorios.

Se as autoridades e o publico se confessavam alegres com a ressurreição financeira e artistica do teatro, o elenco e o pessoal não perdiam as melhores oportunidades para manifestar o seu culto pela creatura previdente e bondosa de quem dependiam e usando sempre duma tactica que lhe deixava conciliar os interesses individuais com os interesses da comunidade. E' que Gavault, além de chefe supremo, era um amigo certo, mostrando-se tão dedicado aos artistas como a todo o pessoal operario.

Paul Gavault, que vivia principescamente com os seus direitos de autor dramatico, podia encolher os ombros ao ordenado de director do Odéon. Sabia, d'antemão, que a gerencia deste teatro não lhe deixava tempo para escrever peças e que, além de prejudicar o seu nome literario, tambem prejudicava os seus interesses financeiros. Desprezando a sua biblioteca e o seu gabinete devia fatalmente visar qualquer coisa que, tarde ou cedo, trouxesse a recompensa a tão grande sacrificio. Sabia mesmo, muito bem, que precisava trabalhar só no Odéon e para o Odéon se quizesse fazer alguma coisa de util.

Efectivamente, o grande comediografo olhava para o logar mais alto que se consegue, como representante do governo, numa scena francesa. Alguem lhe havia dito e garantido que, no dia duma crise administrativa na Casa de Molière, os destinos desta passariam ás suas mãos. A promessa era linda! E tão linda, que tentou esse homem, levando-o a desenvolver uma actividade quasi superior ás forças fisicas e a concentrar toda a sua inteligencia no levantamento dum dos teatros mais historicos da capital. E' que para merecer a Comedia Francesa tambem era preciso demonstrar qualidades de organização e de administração, independencia na politica de bastidores, um *savoir-faire* incontestavel e suficientemente grande para chamar a atenção de todo o mundo, mesmo do anonimo que frequenta o *parterre* e cujo voto ou parecer nunca se despreza.

Agora, estava logicamente provado o seu merito de administrador sobre as suas qualidades de autor dramatico. Tudo indicava pois que nada poderia obstar ao seu comando na casa das deusas e dos patriarcas, quando Emile Fabre quizesse sair. Parece mesmo que o acordo entre ambos não podia ser mais cordial; se quizermos recordar que a peça do administrador da Comedia Francesa, *La maison sous l'orage* foi posta em scena pelo director do Odéon, encontramos um detalhe importante para nos orientar.

Mas, comquanto parecesse que nada teria força para se atravessar no caminho de Paul Gavault, sempre rompeu uma noticia negra, tremendissíma, que poderia varrer a esperança de superintender na *Comedie,* pelo menos nestes anos mais proximos.

Havia um candidato invencivel? Havia e ha. Sabe-se mesmo quem é. Mas os jornais não lhe apontam o nome. E' talvez o unico homem que poderia fazer sombra ao director do Odéon? Com certeza, o unico.

Então, Paul Gavault deu um ponta-pé no Odéon, jurando desistir da direcção de qualquer teatro subvencionado pelo Estado. E agora, já um pouco tarde, diz-me que o governo foi ingrato, como se a ingratidão ministerial fosse uma surpreza para alguem, na França, em toda a parte.

Entretanto, a demissão do sr. Gavault já vai um pouco longe e a nomeação do sr. X. ainda não está muito perto. As opiniões e os comentarios que se disparam diariamente na imprensa atrazam o *veredictum* que deve sair da pasta das Belas Artes, permitindo assim um jogo desalmado de que não ha memoria. Se uns prometem seguir o programa do homem a quem pretendem suceder, outros juram respeitar os principios de Antoine. Ha, pois, duas correntes de gerencia absolutamente declaradas.

Antoine faliu porque quiz impôr **a arte e a** poesia, um teatro classico ou profundo nas ideias. Gavault venceu porque fez do Odéon uma casa de familia, adaptando-o ás exigencias, digo, ao gosto do publico. O primeiro, estava mais nas tradições do teatro, mas perdeu um dinheirão; o segundo, transtornou-lhe um pouco a caracteristica, mas deixou-o desafogado, quasi rico.

Que convirá fazer? perder dinheiro para salvar a Arte ou perder a Arte para salvar dinheiro?

Diga-se o que se disser, escreva-se o que se escrever: o problema está posto assim e a sua resolução não sai nem pode sair desta doutrina.

Entre a infinita correspondencia recebida pelo antigo director do Odéon, ha uma carta de que dou a tradução:

Caro senhor Paul Gavault:—Não foi sem pena que tomei conhecimento da sua demissão de director do Odéon, casa de famosas tradições que o senhor soube respeitar, com o seu amor pelo teatro e que o senhor soube engrandecer, com o seu trabalho permanente e com a sua proficiencia ha muito reconhecida.

Nunca esquecerei os minutos que gastou para me ensinar o mecanismo da arte dramatica neste pais da minha adoração, quando algumas vezes o inquietei no seu gabinete de director; nunca esquecerei tanta soma de gentileza, testemunhada com sinceridade. Creia, meu caro senhor, que vou dizer aos meus compatriotas que *A Ceia dos Cardeais* do sr. Julio Dantas era peça, a seu ver, digna de aparecer no palco do segundo—e mesmo do primeiro—teatro da França. E, com efeito: se Emile Fabre se chamasse Paul Gavault, com certeza já Paul Mounet, de Feraudy ou outros, teriam recitado um recheio de versos que não perderam o seu brilho com a tradução do meu amigo Conde A. Varin d'Ainvelle.

Lamento a sua fuga da margem esquerda do Sena, creia. Mas não perco a esperança de o abraçar um dia na praça do Teatro Francês. São os meus votos. E com eles, associo-me de todo o coração ás demonstrações de simpatia que os seus amigos e admiradores não cessam de lhe testemunhar.

Aceite todas as minhas homenagens de reconhecimento e de admiração

Carlos Alberto Ferreira

TEATRO APOLO HOJE — Segunda-feira — e todas as noites — ás 21,15
GATO POR LEBRE
com o quadro novo
: : Cozinha á Portuguêsa : :
Quinta-feira — 50.ª — Em RÉCITA DO AUTOR

600:000$00
encontram-se á venda na feliz casa

Para a grande lotaria do **NATAL,** que se realiza a 23 de dezembro, dividida em bilhetes, meios, quartos, decimos, vigesimos e cautelas de Esc. 2$00, 1$00, $50, $30, $20 e $10.
PINA
Temos já á venda bilhetes para todas as lotarias anunciadas pela Misericordia.
Preços—Para **revenda** os melhores do mercado; para **particulares** os usuais.
Sortes grandes frequentes
Pedidos a COSTA, LIMITADA
Telefone C. 3486
Telegramas: ALPINA
75, Rua de S. Paulo, 77
LISBOA

3088
N.º telefone de A RECONSTRUTORA DE MAQUINAS DE ESCREVER
Reparações e contracto de limpeza a preços excepcionais. Orçamentos gratis.
R. DA BICA DUARTE BELO, 18

PANCADA, MORAES & C.ª
Prata, ouro, moedas e notas de todos os paises, coupons nacionais e estrangeiros, vencidos e a vencer
: : : : compra aos melhores preços : : : :
RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. S. Julião)

Julio Rei, Lt.ª
Ex-empregado da JOALHARIA ABREU
Joalharia, Ourivesaria e Relojoaria
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)

FURUNCULOS
Diabetes, doenças da pele e dos intestinos
curam-se com fermento d'uvas
Formosinho
Farmacia Formosinho
Praça dos Restauradores, 18
LISBOA

NACIONAL *Telefone C. 2049*

HOJE

Despedida definitiva da peça historica

D. AFONSO VI

Não havendo ámanhã espectaculo, para se efectuar o ensaio geral da nova peça **CASA CERCADA** que terá a sua «première» na quarta-feira, em 2.ª recita de assinatura

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia Luz Veloso

HOJE

A PEDIDO

o grandioso exito

A MIGALHA

Admiravel trabalho de **LUZ VELOSO**

Em ensaios a engraçadissima peça

NOVO TESTAMENTO

TEATRO SALÃO FOZ

Empresa Artur Emauz

Companhia OTELO DE CARVALHO

SEMPRE em duas sessões

a mais alegre das peças, a incomparavel revista

BICHINHA GATA...

(LAURA COSTA)

O *compère* **Antonio Gomes** da Trindade

Rir sem descanso

Os polkistas por JULIA DE ASSUNÇÃO e OTELO DE CARVALHO.

ATRACÇÕES **SURPRESAS**

POLITEAMA

Telef. C. 1028

EMPRÊSA LUÍS PEREIRA

COMPANHIA LUCÍLIA SIMÕES

Direcção de LUCINDA SIMÕES

Uma mulher sem importancia

Esplendido desempenho de Lucília Simões, Lucinda Simões, Amélia Pereira, Erico Braga e Ribeiro Lopes.

:EXITO EXCEPCIONAL:

Orquestra Sinfonica de Lisboa

Domingo, 4 — 4.º concerto de assinatura, sob a regencia do

MAESTRO FERNANDES FÃO

Eden Teatro

PAU DE DOIS BICOS

2 SESSÕES

Preços populares

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

EPISTOLÁRIO

Uma carta do historiador

Alexandre Herculano

Enviando a Joaquim Filipe de Soure

O PRIMEIRO VOLUME DUMA "HISTÓRIA QUE DEVIA SER DE PORTUGAL" ESTIGMATIZA "OS NOSSOS CONSPÍCUOS HOMENS PÚBLICOS"

DARDDES SC

Esta carta, como outra de Garrett que publicámos ha tempo, parece feita para hoje. «Os nossos conspícuos homens politicos»!

Herculano envia tambêm ao seu íntimo Joaquim Filipe de Soure, (a quem a carta é dirigida), o seu retrato, a quem pitorescamente chama boneco.

E já que de retratos se fala, aproveitamos o lance para publicar o retrato de Herculano, reproduzindo uma antiga litografia pouco conhecida.

No verso da carta, escreveu o destinatário: «Escripta em 12 de Abril de 1873 offerecendo-me um exemplar da 3.ª edição do 1.º vol. da História de Portugal e dois retratos seus. — *Soure.*»

Am.º

Ahi lhe mando o 1.º volume da nova e definitiva edição da HISTORIA, que devia ser DE PORTUGAL, e que ficou em dous seculos. Lá ficam dependurados na força de Aman para serem vistos de longe, no tempo, os nossos conspicuos homens politicos. Não me salvava, se não fizesse isto. Ahi vão tambem dous bonecos, que tirou o filho de João de Sousa. Não diga nada, se não moem-me com pedidos e eu tenho apenas meia duzia de cada um.

Am.º

DOMINGO. A. Herculano

TEATRO DE S. CARLOS Tel. C. 5063

Companhia dramatica Rey Colaço-Robles Manteiro

A'manhã, ás 21 horas

A peça de grande sucesso

O REGRESSO

Notavel enscenação de Antonio Pinheiro. Magnifico desempenho de toda a companhia, da qual faz parte

Angela Pinto

Hoje não há espectaculo, para dar lugar ao concerto de musica de camara.

Avenida

HOJE

UMA

VIAGEM Á CHINA

COLISEU dos RECREIOS Telef. C. 4196

HOJE — A's 20,45 (8 3|4) — HOJE

ESPECTACULO DA MODA

ESTREIA

dos notaveis acrobatas e equilibristas

THE LIONS

a mais autentica maravilha mundial

Extraordinario exito da Grande Companhia de Circo

CINEMA CONDES

Hoje—ESTREIA do grandioso «film» português

O amor de perdição

1.ª jornada *5 partes*

Extraido do romance do imortal escritor

Camilo Castelo Branco

Notavel interpretação de

Brunilde Judice, Irene Grave, Judice da Costa, Alfredo Ruas, Samwel Diniz, Pato Moniz, Luiz Leitão, etc., etc.

Musica portuguesa e regional do distinto maestro *Armando Leça*, escrita expressamente para o *film*

A PRESTAÇÕES

Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á A Electro-Quimica, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.º

ARTIGOS E INFORMACÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Mães

Um escritorio duma casa rica. Côres escuras, mapples. *Ele, trinta e seis anos, serio, forte, correcto. Ela, franzina, elegante, impassivel. Luz branda dum candieiro velado por um* abat-jour *de seda verde. Tomam café.*

ELE—Para ser verdadeiro tenho de te dizer que realmente não és uma boa mãe.

ELA—Estás perdoado, mas essa acusação carece de fundar-se em factos.

ELE—O' minha filha, tantos! Tantos que me entristecem, que me desanimam. Dize-me, sabes como os pequenos passaram o dia? Sabes se algum deles está doente? Se jantaram bem?

ELA—Bem sabes que não tive tempo. Quando cheguei a casa já tu cá estavas, mandei pôr o jantar e fui tirar o chapeu...

ELE—E porqae te demoraste até tão tarde?

ELA—A Luisa demorou-me a mostrar-me os vestidos que trouxe de Paris...

ELE—Ora aí tens um motivo importante. E todos os dias ha um igual... E nem o coração, nem o cuidado te chama para ao pé dos pobres pequenos?

ELA—Não tenho razão para ter cuidado. A bonne *é muito boa rapariga.*

ELE—E acreditas que ela tenha, por obrigação, um cuidado que tu não tens por afecto e por dever? E nem ao menos verificas se assim é? Aí tens, exemplificado, o que eu chamo não ser uma boa mãe.

ELA—Querias que eu fizesse o trabalho da criada dos pequenos e me privasse por completo da vida da sociedade?

ELE—Não. Há logar para tudo.

ELA—Que querias tu que eu fizesse, para ser uma boa mãe, como dizes? Que despedisse a bonne?

ELE—Não seria necessario, embora eu preferisse uma boa criada portuguesa, mais velha, menos elegante e que eu conhecesse melhor. Bastava que todas as manhãs fosses assistir ao levantar e ao banho das crianças, que visses se ficam convenientemente lavadas, se o almoço que lhes dão é higienico e limpo e que fosses tu a trazê-los ao nosso quarto, para me beijarem antes de eu sair...

ELA—Nada disso é muito dificil!...

ELE—Bem. Porque não se faz?

ELA—Pode fazer-se, mas dize o resto do programa.

ELE—Queria que saisses com os pequenos. Já não digo todos os dias, mas bastantes vezes, para passear, suprimindo o habito das eternas compras e dos eternos chás... Gostava que os ensinasses a resar...

ELA—A bonne *ensina-os.*

ELE—Mas eu não aprecio a gracinha *de ouvir os meus filhos resar em francês... Queria que, quando precisasses de sair sem eles, fosse antes ou depois da hora do jantar das crianças. A alimentação é uma parte muito importante na saude infantil. Devemos reparar se a comida é apropriada...*

ELA—E mais nada?

ELE—Um pouco mais ainda. Ir vê-los quando se deitam, para que guardem a impressão da presença maternal vigilante e afectuosa.

ELA—E serei uma boa mãe, cumprindo esse programa?

ELE—Materialmente, serás. Moralmente, ainda tens que aprender. Ha toda a vantagem para a mulher em viver muito com os filhos. A mulher que o amor dos filhos absorve e prende é menos caluniada... e menos acessivel a tentações...

....

Maria de Carvalho.

Expedição de malas postais

Pelo *Arlanza* são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Pernambuco, Pará, Manaus, Baía, Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Aires e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

MELHORAMENTOS LOCAIS

Foi entregue no ministério da justiça uma representação da junta de freguesia de Vilar, conselho do Cadaval, pedindo autorisação á comissão central de execução da lei de separação para ser reconstruida a capela de Vila Nova.

UM ARTISTA QUE REGRESSA

O dr. Antonio Joyce

e a Belgica sob os dois pontos de vista: artistico e comercial

A LIÇÃO DO POVO BELGA NA GRANDE GUERRA--A SUA CALMA E O SEU ESFORÇO COLECTIVO--A NOSSA INICIATIVA COMERCIAL EM ANVERS

diz ao "Diario de Lisboa" o antigo regente do celebre Orfeon de Coimbra

Numa sala larga, ampla, com um belo retrato de mulher que Carlos Reis assina, numa das paredes, o dr. Antonio Joyce, regressado ha dias da Belgica, onde esteve encarregado duma missão do ministerio dos negocios estrangeiros, confiou ao *Diario de Lisboa* as suas primeiras impressões de viagem.

O que nos custou arrancar-lhe esta entrevista!

Porque o dr. Antonio Joyce, sem ser o Jacinto d'*A cidade e as Serras*, anda preocupadissimo com as suas malas de viagem.

—Estarão na Alfandega? Não sei! O que me parece é que elas foram roubadas em Espanha... Tenho que ir esperar a familia que chega hoje, á noite. . Sim, sim, queria dar uma entrevista ao *Diario de Lisboa*. Deixe-me pensar o que hei-de dizer. Porque não posso, por exemplo, afirmar que o ceu é muito bonito ou o tempo está muito mau... Veja, como chove?... Isso é para os chefes de Estado, para as altas personalidades... Quando cheguei deram-me uma grande novidade: o dr. Manso tem um jornal. E fiquei contente, sabe.

O dr. Antonio Joyce tem uma grande, uma extraordinaria vivacidade no seu monoculo e na sua palavra. A conversa é para ele um jogo de *tennis* que êle torna elegante á força de dicção, de atitude e de pensamento.

Como diplomata que trabalhou ao lado de Afonso Costa na nossa intervenção na guerra, Antonio Joyce mantem-se numa reserva absoluta.

—Preciso falar primeiro com o ministro dos negocios estrangeiros.

—Então, vamos á Belgica,

—Vamos! Como sabe a Belgica é um país que se acostumou a ser invadido.

«Veja a sua historia. D'aí a grande serenidade, a grande calma do seu povo...

«Tem uma qualidade:—altivez. Protesta sem ruido, impõe-se pela sua atitude. E' o contrario dos latinos. Durante a guerra os belgas realizaram todas as suas festas tradicionais. E sempre, sempre, aquela serenidade magnifica, aquela calma extraordinaria que intimidou o alemão,

—No emtanto...

—Oiça! Oiça! Convem frizar que foi esta a grande lição que a Belgica deu ao mundo durante a guerra.

Antonio Joyce falou-nos depois das nossas relações comerciais com a Belgica:

—Logo que se fez o armisticio seguiram para Anvers inumeros comerciantes portugueses. Mudaram de processos, á vista do comercio belga. Devagar, fazendo muito reclame, distribuindo amostras, abrindo estabelecimentos de vulgarisação, introduziram assim os nossos produtos. E que trabalho! Porque havia o *Porto* espanhol, o azeite italiano, etc., etc...

—Esses comerciantes foram auxiliados pelo Estado?

—Isso sim! Coitados, não encontraram nenhumas facilidades tanto nos bancos portugueses como nos belgas. Mas conseguiram alguma coisa. Ainda ha pouco tempo chegou a Anvers um importante comerciante da nossa praça que ali montou um magnifico estabelecimento. Ao principio, já se vê, fazia-se mais comercio; depois, houve uma certa reacção por parte dos belgas. Compreende-se. Eles querem *bastar-se*.

Antonio Joyce, fumador impenitente que ainda não tivera tempo de comprar cigarros, recorreu ao seu antigo cachimbo. E falando sempre, com um *hum* caracteristico, que é como quem diz: *entendes-me?*—prosseguiu na sua explicação. Agora tratava-se de finanças:

—O problema do cambio não se resolve simplesmente em Portugal. E' preciso que o governo auxilie as exportações, secundando o esforço dos agentes comerciais.

—A drenagem do ouro...

—Exacto.

Fala-nos depois sobre arte.

Recordamos-lhe o *Orfeon de Coimbra*, de que ele foi dirigente; a sua ida a Paris, onde fez um sucesso doido, sendo até julgado um dos primeiros do mundo.

—Na Belgica todos os cidadãos pertencem a uma associação. Quando foi da celebração do armisticio, eu, e André Brun, ficámos admirados. Passava um cortejo. Ao principio, as associações dos pescadores de linha, depois, associações de musica, scientificas, sportivas, etc., etc. Os belgas cultivam o principio da associação como nenhum outro povo. E' assim que se forma um pais forte, unido, invencivel. A guerra provou-o.

—E de musica?

—Oh! Ouvi grandes cantos corais. Aos domingos, o tipo do povo, junto ao grande *gentleman*, nas praças publicas, dirigidos pela batuta dum maestro, faziam ouvir as suas canções regionais. Caendal, o grande maestro, representante de musica popular de que lhe falei, abraçou logo uma ideia...

—Qual?

—A de se fazerem em Portugal concertos de musica flamenga e walona. Já falei com Blanch, que abraçou com entusiasmo a ideia. E' provavel que nessa ocasião Caendal venha a Lisboa. Estabelecer-se-ha então um intercambio musical. Na Belgica gostam muito das nossas canções regionais, cheias de graça, de ternura, e de poesia.

OS HIDRO-AVIÕES QUE CHEGARAM DE FRANÇA

VÃO SER REPARADOS

Vão ser reparados os hidro-aviões ha pouco vindos de França e que chegaram avariados devido ao mau tempo que apanharam no navio que os conduziu.

VIDA SPORTIVA

OS DESAFIOS DE ONTEM

O Internacional e o Sporting, vencem o Bemfica e o Imperio

Uma tarde de jogo movimentada e lial

Passava um pouco da hora marcada, quando Rogerio dá inicio ao primeiro desafio; sái o Internacional, mas perde em seguida a bola; o Bemfica desenha a primeira avançada, que não termina pela intervenção da defesa, e apodera-se de novo da bola. Tenta remates de todas as formas, mas Guimarães tudo defende. O Internacional tenta tambem algumas avançadas, que Pimenta inutiliza bem, apesar de só, pois Bastos não está em campo. Por fim, o Bemfica completa a sua linha com a entrada dum jogador duma categoria inferior, ocupando a ponta direita e passando J. Morais para a defesa com Pimenta. As fugidas do Internacional tornam-se, agora, raras; o Bemfica domina mas não marca; o ataque ás rêdes de Guimarães é continuo, mas ele está numa das suas tardes felizes. Os avançados do Bemfica parecem magnetisados por ele e não conseguem furar-lhe a rêde; está-se no fim da 1.ª parte; o Internacional consegue, numa rapida fugida, aproximar-se das rêdes de Vieira e o meia esquerda marca o primeiro ponto para o seu grupo, o que causou admiração entre toda a assistencia.

Começa a segunda parte, o Bemfica sai e perde a bola nos pés dos avançados do Internacional, que rapidos a levam até dentro das redes de Vieira. Este segundo ponto desperta entusiasmo nos amigos do velho club das Larangeiras, que se acham surpreendidos. J. Morais passa para o seu logar de avançado direito, os vermelhos fazem agora uns ataques bem conduzidos pela direita, e é marcado um canto por Morais, de que resulta o primeiro e unico ponto para o Bemfica. Os vermelhos parecem animar, mas nada conseguem; o trio da defesa do Internacional está trabalhando bem, e por seu turno a linha de ataque aumenta o seu activo com mais 2 «goals» e o desafio termina com a derrota do Bemfica por quatro a um, o que surpreende muita gente.

O desafio foi mal jogado pelo Bemfica, um «team» como o do Bemfica não tem desculpa na forma como se desorientou e daí a derrota. Dirão os seus amigos que foi a falta de Bastos, mas temos a certeza que sem Bastos, mas sem desorientação, a linha do Internacional não venceria.

Dos 22 jogadores, esteve superior Guimarães, o guardá rede do «team» nacional; se ele em Madrid, no proximo dia 18 de Dezembro tiver uma tarde como a de ontem, deve ser uma gloria para o «foot-ball» português. A arbitragem de Rogerio boa.

* * *

São 15 e 15 quando F. Pereira alinha os dois grupos, saindo o «Imperio» que vai até á «defesa» sendo repelido por Ferreira. O ataque do «Sporting» começa por sua vez a ofensiva, sendo tambem repelido. As avançadas são agora num e noutro campo e algumas delas bem desenhadas, mas perto da linha de «goal» falham sempre, por falta de remate, principalmente na linha do Imperio. Um «penalty» marcado por Filipe dá o primeiro ponto ao «Sporting», a linha avançada dos «Leões» é bem ajudada pela meia defesa e produz bom jogo e Jaime num forte «shoot» que bate na trave direita, marca o segundo ponto e pouco tempo depois o terceiro.

A segunda parte começa e os Leões põem em risco as redes de Arsenio em «shoots» seguidos que ele defende bem, mas Stromp marca o quarto. O «Imperio» tenta marcar, Ferreira e Jorge aliviam e a bola vem agora pela esquerda dos «Leões». Mendes Leal impele-a para o centro, é defendida mas vem aos pés de Filipe que num forte «shoot» a cola na rede. Foi o 5.º mas o «Imperio» não perde a energia, apesar do numero de «goals» já referido, e defende-se como póde.

Agora, um canto de Torres Pereira é perdido, pela certa, por Mendes Leal, que só, junto ao canto esquerdo, «shoota» para fora; em seguida, o avançado centro escapa-se e remata, mas Arsenio não segura nem bola, nem jogador, ela fica perto da rede e êle, em vez de a meter dentro, coloca em jôgo, tal era a precipitação.

Jaime tem duas viragens seguidas, que Arsenio defende bem; o fim aproxima-se, os brancos vão até ás redes de Amadeu, que não se assusta, a bola é devolvida e vem aos pés de Filipe. Este passa, Fonseca corta a passagem e a bola vem aos pés de J. Francisco, que passa a Torres Pereira. Este passa tambem para Jaime, que, com a cabeça, a passa a F. Stromp, que remata tambem com a cabeça, marcando o 6.º, o mais bonito e ultimo «goal» para o seu «team».

Bola ao centro e termina o desafio pela vitoria do Sporting, por 6 a 0.

O desafio foi energico, algumas vezes, mas muito falho de remate nas duas linhas; no emtanto, o Sporting jogou melhor no conjunto. No Imperio sobresairam o «trio» da defesa—Fonseca, Lucio e Arsenio.

A arbitragem de F. Pereira foi imparcial.—*J. L.*

Realizou-se ontem um desafio entre o Club Foot-Ball Almadense e o Aguia Foot-Ball Club. Ganhou o Almadense, por 3 a 1.

COLISEU DOS RECREIOS

é a casa de espectaculos mais frequentada de Lisboa

O ministro da Guerra

é cumprimentado pelos oficiais da guarnição de Lisboa

O sr. ministro da Guerra recebeu esta tarde os cumprimentos dos oficiais do ministerio e das unidades e estabelecimentos militares aquartelados em Lisboa.

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado
"Insole's Cymmer (Merthyr Smokeless)"

CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS

SEMPRE EM ARMAZEM

Portuguese Corporation of Commerce Ltd.
Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º
Telefs. C. 5092, 5093, 509
Londres—56, Ludgate Hill

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

UM ACTOR DE "ÉLITE"

SOBRE A HOMENAGEM

da cidade do Porto ao grande artista que foi Augusto Rosa

Uma cronica de Afonso de Bragança

A' hora a que escrevo, sob um lindo sol de inverno, está-se realizando no Porto uma homenagem publica á memoria ilustre desse sempre ilustre que foi Augusto Rosa.

Há uns dias que eu venho lendo, boquiaberto, nos jornais, as noticias destas homenagens. Há uns dias que elas se ampliam, retocam e toucam, a ponto de aderirem já a elas os bombeiros de Gaia e Coimbrões.

Leio e pasmo. Pasmo e digo: como é que o Porto, excelente cidade de trabalho, emporio do sabão e do bacalhau, minha mui valorosa terra natal, com um vêso para homenagens desde que D. Pedro IV lhe confiou o coração, se lembrou, para se desengorgitar desta, do nome dum artista, artista entre os artistas, artista dos artistas, quando tantos nomes andam no ar, no ar das homenagens?

Eu sei que tal como os romanos reclamavam *pão e circo*, os portuenses reclamam tambem pão de mais diagrama e cortejos civicos. O portuense, meu querido conterraneo, tem um *superavit* de civismo que tem de estadear em caudas solenes.

Mas como se lembrou o Porto de Augusto Rosa? Ou antes: como se não lembrou Lisboa?

Eu sei. Lisboa é uma terra hesitante, receosa, duma auto-critica sceptica e esterilisante. O Porto é a terra do *dito e feito*.

Dificilmente, na verdade, Lisboa se lembraria de homenagear, fóra da Arte, a memoria de um artista.

Augusto Rosa não era um actor popular. Era um actor de *elite*, um requintado, digamos, um artista de Arte, se com este pleonasmo se póde marcar melhor a arte que ele poz na sua arte, que ele lhe acrescentou, que ele estilizou. Ele esculpiu, pintou, cantou. A arte de representar era para ele, simultaneamente, histrionica e plastica. Amassava os seus personagens sob os seus dedos, como se fossem barro. Modelava-os. Esculpia-os. Desenhava-se sobre o fundo dos scenarios como se se traçasse a *crayon* num fundo aspero de tela. No *D. Cesar de Basan* até era um belo quadro de Velasquez. Ele proprio, na vida, era um retrato de Columbano.

Nunca ou raras vezes foi aplaudido senão pelas *élites*. O grande publico não o compreenderia no *Ladrão*, no *Sansão*, ou no seu ultimo papel — o de «Mateus» no *Amôr supremo*, de Schwalbach.

Como é que Augusto Rosa aparece idolo das multidões — e das multidões do Porto? Que sabe dele o povo que o vai homenagear — por fazer sol e ser domingo?

Não sei. Sei que vai ser dado o seu nome a uma rua — triste maneira de glorificar entre nós os mortos, amarrando-os perpetuamente a uma esquina, como se eles em vida tivessem sido moços de fretes.

Comtudo, vejo nos jornais que o entusiasmo é grande. Nos teatros do Porto serão lidos uns versos de homenagem de Maximiano Ricca—um poeta de homenagem que o Porto tem. E do sr. Avelino de Sousa será lida uma conferencia, não sei se com acompanhamento á guitarra. Haverá um cortejo com um carro alegorico.

E os bombeiros do Porto não todos. E os de Coimbrões e os de Gaia. E os escoteiros e a I. M. P. Tambem convidaram os seus socios a Caixa de Beneficencia aos Tubercolosos de Santo Ildefonso, certamente como um processo de cura de ares. E far-se-ha ouvir a Tuna dos Empregados dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, saudosos caminhos de ferro por onde o ilustre extinto varias vezes viajou...

. . . .

Seria talvez este o momento de Lisboa, os artistas de Lisboa, relembraram, sem o auxilio de prestimosas associações de utilidade publica, o nome do grande actor.

Ha uma peça inedita de Augusto Rosa. Estava para ir á scena quando ele se fixou, na sua casa da rua do Limoeiro—estou a vê-lo—na ultima mascara. nobremente morto, elegantemente morto. Porque o não representam ou porque a não publicam?

Lembra-me de um dialogo que eu surpreendi entre o artista morto e o seu colega ilustre Ferreira da Silva. Era no S. Luís.

A peça chamava-se *Punindo!*

—Com que então *Punindo!?* —disse-lhe Ferreira da Silva.

E' verdade...—respondeu Augusto Rosa, um pouco embaraçado.

—Oxalá não sejas *punido*. Aqui se fazem, aqui se pagam...

Augusto Rosa esboçou outro sorriso, o sorriso timido dos noveis autores. Foi punido com a morte. E, depois da morte—com um cortejo civico.

Afonso de Bragança

DA POLITICA DO GOVERNO

O actual ministerio

não mantem o contrcato de carvao feito pelo sr. dr. Fernandes Costa

"VOU ABRIR CONCURSO PUBLICO PARA O SEU FORNECIMENTO, ADOTANDO, COMO BASE DA PROPOSTA A FAZER, A DO CONTRACTO ANTIGO"

diz ao "Diario de Lisboa" o sr. dr. Vasco Borges, ministro do comercio

O *Diario de Lisboa* entrevistou hoje o sr. dr. Vasco Borges, um dos membros mais categorizados do Partido Reconstituinte, que ocupa agora a pasta do comercio, onde tem afirmado as suas brilhantes qualidades de inteligencia e trabalho, O sr. dr. Vasco Borges principiou assim:

—Deseja entrevistar-me? Eu sou refractario a entrevistas, não por falta de consideração pela imprensa, cuja elevada funcção tenho na devida conta, mas sómente, como ha poucos dias tive ocasião de dizer a um colega seu, por uma questão de feitio pessoal. Não gosto de falar de mim proprio, e as entrevistas publicadas nos jornais são sempre um pouco isso. Em todo o caso, gostosamente abrirei uma excepção para o seu interessante *Diario de Lisboa*.

—Então se m'o permite, perguntar-lhe-ei o que ha a respeito do contracto do carvão. Sempre é certo o governo não o manter?

—E' inteiramente exacto conforme a declaração feita numa nota oficiosa. A respectiva comunicação deve até já ter sido recebida pelo representante entre nós da firma inglesa Evans & Reid.

—Mas a resolução do actual governo não poderá trazer complicações de caracter juridico?

—Não senhor. Independentemente da discussão que possa sofrer o que constitue propriamente a economia do contracto, não pode ele considerar-se valido, porquanto lhe faltam formalidades e condições essenciais de validade. Efectivamente não só a minuta do contracto não teve aprovação em conselho de ministros, como não foi visado pelo Conselho Superior de Finanças. Além disto, consignando-se numa das clausulas do contracto a necessidade do aval do Banco de Portugal como garantia das letras aceites pelo Estado, para pagamento do carvão, não existe no processo documento algum daquele estabelecimento que o tivesse auctorizado.

—Não poderão surgir complicações?

—Com fundamento, não. A outra parte contractante tinha obrigação de saber em que condições o contracto precisava de ser celebrado para que efectivamente ele fôsse uma coisa firme e até para sua propria garantia, não havendo pois logar a alegar-se uma ignorancia da lei de que, de resto, ninguem pode aproveitar-se, nem a exigir-se responsabilidades por falta do cumprimento de formalidades de que poderia resultar prejuizo. Os advogados fizeram-se para informar quem não conhece coisas juridicas e tem de contractar, das condições em que deve fazê-lo.

—E' então uma questão arrumada?

—Arrumada, não. Vou abrir concurso publico para fornecimento de carvão, adoptando como base das propostas a fazer as do contracto em questão, acrescidas de mais algumas garantias para o Estado. Espero ter este trabalho concluido em breve.

—Poder-me-ha dizer alguma coisa a respeito de outras medidas que tencione adoptar como realização de qualquer plano de administração?

—Alguma coisa julgo já ter feito, mas isso consta do *Diario do Governo*, encontrando-se, portanto, sujeito á critica e discussão publica, pelo que não vale a pena fazer-lhe referencia. Do que planeio ainda fazer, é talvez inoportuno falar pela simples razão de não ter a certeza de poder efectivá-lo. Dizer-lhe, pois, qualquer coisa a esse respeito, o mesmo poderia ser que um réclame platonico e possivelmente pretensioso.

—E sobre politica geral do governo?

—Essa compete, como sabe, ao sr. Maia Pinto, que por ela responde, não me pertencendo por isso informá-lo sobre tal assunto. Seria abusivamente meter a foice em seara alheia.

—Ha todavia um assunto que pertence á responsabilidade e de certo modo depende da acção de todo o governo: a punição dos criminosos do Arsenal. Demais a mais, sendo v. ex.ª juiz, alguma coisa nos poderá dizer...

—Dentro do governo não estou como juiz. E que o estivesse, esse assunto estaria sempre muito bem entregue á energia e sentimentos de justiça do sr. presidente do ministerio, que com efeito tem empregado todos os esforços e diligencias por intermedio das autoridades civis e militares. Não têm sido baldados esses esforços, muito se tendo adiantado já nesse caminho. Simplesmente, o horror dos crimes cometidos fez com que na opinião publica surgisse o espirito da justiça de represalias, inclusivamente exigindo até para sua satisfação imediata o emprego do processo sumario que na nossa legislação não existe para crimes tão graves. Não pode o governo proceder directamente ás investigações.

«Tem de realisá-las por intermedio dos seus agentes, e estes não podem prescindir de todas as formalidades legais, mesmo porque, de contrario, se o governo ordenasse a remessa imediata dos criminosos para os tribunais, sem ter feito preceder esse facto das mais completas averiguações que se torne possivel fazer e do cumprimento das necessarias formalidades legais, aqueles não os receberiam ou acabariam por ter de absolve-los, como por falta de provas, principalmente em materia de crimes politicos, entre nós tanta vez se tem visto. Desta indispensavel demora tem, no entanto, resultado uma certa impaciencia, aliás injustificada, duma parte da opinião publica. Não, meu amigo, mesmo em relação aos maiores criminosos, é preciso respeitar os principios liberais que regulam modernamente a vida das sociedades civilizadas. Nas garantias de defeza que perante a lei encontram tanto os que prevaricaram como os inocentes, é que existe uma das mais completas realizações da Liberdade».

«E' preciso saber respeitá-la mesmo quando, como no caso presente, os nossos mais arreigados e melindrosos sentimentos de humanidade forem feridos. Doutro modo, caíriamos no tal criterio da justiça de represalias, ou seja olho por olho, dente por dente, em processo sumarissimo. Ora isto, actualmente, só entre os canibais perdura».

O sr. ministro do Comercio levantou-se para acudír a um telefone. Era um dos seus colegas que o chamava. Tivemos que desistir de maiores e mais amplas declarações porque o sr. dr. Vasco Borges, perdendo a «emballage» que talvez, mau grado seu, adquirira, ao voltar do inoportuno aparelho, logo mostrou haver retomado a sua habitual «contenance»...

Os Teatros

Primeiras representações

NO S. LUÍS—*Jardim d'Aspazia*, opereta em três actos de Emilio Reggio, tradução de Acacio Antunes, musica de Alfredo Cureina

O «Jardim d'Aspazia» ouve-se com agrado e, em dadas scenas e passagens, com encanto. O publico que no sabado acudiu á «première», compreendendo o belo esforço que representava a montagem da obra de Emilio Reggio e Alfredo Cureina, não se cansou de aplaudir os seus interpretes.

Tiveram as honras da noite Auzenda, que apresentou lindas e ricas «toilettes»—no segundo acto um pomposissimo manto de arminhos—Aldina de Sousa, que canta com um gracioso mimo, exclusivo da sua arte; Sofia Santos, que detalhou o seu papel com muita verve comica.

Sales Ribeiro, no papel de «Rei de Zeus», muito bem. Alfredo Sousa foi um excelente «Braukatis». Vasco Santana, como «Muflu», fez rir a valer. Coros afinados. O scenario interessante. A orquestra, sob a regencia do maestro Gomes, cheia de brilho.

Atrás do reposteiro

Dizem-nos que na proxima epoca teatral debutará num dos nossos primeiros teatros de declamação um rapaz muito conhecido na sociedade e que recentemente casou com uma das primeiras figuras duma companhia que tem tido «bastos» aplausos numa cidade do norte.

—José Loureiro, o empresario brasileiro que ha dias se encontra entre nós, esteve ontem assistindo ao espectaculo no teatro de S. Carlos. Num dos intervalos foi ao palco e convidou o actor-empresario Robles Monteiro e a sua companhia a ir ao Brasil na proxima epoca de verão.

— A Associação dos Contratadores entregou á comissão organizada para angariar donativos aos artistas do Ginasio, a quantia de 505$70.

— O maestro Manuel Ribeiro que esteve dirigindo os concertos sinfonicos no teatro Politeama é o autor da musica da nova revista «P-A pá Santa Justa» que se destina ao Eden Teatro.

— A companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro deve seguir a 9 ou 10 para Coimbra e só depois duma pequena serie de espectaculos vai para o Porto, onde se deve estreiar a 15.

— A proposito da entrada em ensaios, no teatro Chiado Terrasse, da peça «O novo testamento» dizia-se ontem num palco:

«O quê, o Terrasse já começou a fazer testamento?»

—Deve representar-se brevemente no teatro S. Luiz uma opereta de moldes novos, com um simbolismo politico muito adaptavel ao nosso meio e a que os adaptadores, Alberto Morais e Mario Duarte, com versos de Guedes Vaz, deram o titulo de «Sua Excelencia Belzebut».

A musica é de Radaggar, maestro de opera.

—Mario Duarte e Alberto Moraes teem já concluida a versão portuguesa da grande peça de Gabriel d'Annunzio, intitulada «Gioconda».

— Por motivos imprevistos, as récitas e bailes que deviam ter-se realisado no Club Estefania nas noites de 19, 26 e 30 deste mês, foram transferidas para os dias 3, 10 e 17 de dezembro.

— A companhia dirigida pelo actor Eduardo Raposo, que vai percorrer em «tournée» a provincia, começou a ensaiar uma opereta de Rafael Ferreira intitulada «A Tovrion». A musica é do maestro Luís Filgueiras.

— Alvaro d'Almeida parece que faz parte da «tournée» que a companhia do Apolo vai fazer ao Brazil.

— Parece que na companhia Chaby Pinheiro que ontem chegou a Lisboa, se vai encorporar a actriz Leonilde Pereira.

— Nascimento Fernandes está escrevendo uma revista com o titulo «E' hoje?!».

RECLAMES

S. Carlos — A peça que mais sucesso tem alcançado nos ultimos tempos é «O Regresso», cuja protagonista é Angela Pinto. Hoje não há espectaculo para dar logar a um concêrto, reaparecendo ámanhã.

Nacional — Em última representação, vai hoje á scena a interessantissima peça «D. Afonso VI», um autêntico êxito teatral.

Avenida — Peças como a opereta «Uma viagem á China», aparecem poucas. Tudo nela é bom; o entrecho, a música, o scenário.

Eden — Ás segundas-feiras é costume o Eden ter sempre o que se chama uma boa casa. Hoje, como todos sabem, é segunda-feira.

Chiado Terrasse — Tem sido tão grande o exito da encantadora peça de Nicodemi «A Migalha», que hoje se repete.

Apolo — Toda a gente reconhece que a mais inspirada musica dos maestros Tomás del Negro e Alves Coelho é a da revista «Gato por lebre».

Salão Foz — Teve ontem duas novas e formidaveis enchentes este Salão. A revista «Bichinha Gata...» repete-se hoje.

Coliseu dos Recreios — Realiza-se hoje, em espectáculo da moda, a estreia dos notáveis acrobatas e equilibristas «The Lions».

Ordem de S. Tiago da Espada

Foram condecorados com o grau de cavaleiro de S. Tiago da Espada, os srs. dr. José Epifanio de Carvalho de Almeida e capitão Francisco Martins de Oliveira Santos.

AO HERPETOL

Devo o avelludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. **Após poucos dias de** tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

---

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

Instalações electricas

Orçamentos gratis

MATERIAL ELECTRICO

Grande stock de lampadas

PHILIPS-ARGA

E' quem vende mais barato

Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430 / Telegrafo DIFONSO — **DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da**

Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

THE MAGESTIC

RUA DO ARCO DO CEGO, 15-A e 15-B

LISBOA

TELEFONE N-229 — TELEGRAMAS ALGODÃO

Ampla garage para recolha de carros. Venda de gasolina, oleos e acessorios.

Oficinas providas das melhores maquinas. Pessoal tecnico competentissimo em todo o genero de reparações.

FABRICAÇÃO ESMERADA DE CARROSSERIES

Fornecem-se orçamentos gratis

MEIAS A 2490!!

EM Sedaline todas as côres

CASA DAS MEIAS DA RUA DO OURO, 117

A PARISIENSE

60, RUA NOVA DO ALMADA, 60

:: Guarda-chuvas, galochas para homens e senhoras. ::
:: Flamons, o que há de mais chic. :: :: :: :: :: :: :: ::
:: Sabão Dog-Soap, verdadeira especialidade para animais :: :: :: :: :: :: :: ::
:: Completo sortido em camisaria. :: :: :: :: :: :: ::

NOVAS INSTALAÇÕES DA

Empreza Internacional, L.da

Rua Augusta, 76, 1.º

TELEFONES, CENTRAL: 5052 E 346

TELEGRAMAS:---GALVANICA---LISBOA

ASCENSORES ELECTRICOS E HIDRAULICOS

JASPAR

Construcção e funccionamento inexcediveis

Ateliers JASPAR -- Liège

Pedir esclarecimentos aos representantes

FILIPPE & FILIPPE L.TDA

RUA DO CARMO, 21

LISBOA

Mario Machado

Da Escola Dentaria de Paris

Doenças da boca e dentes

CHIADO, 74, 1.º—Tel. C. 4186

OURO E PRATA

Muito mais BARATO

e SÓ pelo PESO

Cordões, correntes, travessões e mais objectos. Grande sortido.

SÓ no CORREIA, MOURA

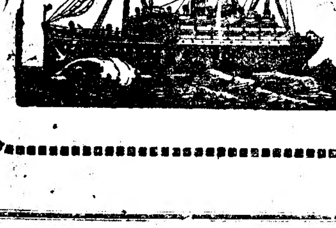
PIMENTA LIMITADA

Rua de S. Paulo, 186

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa



Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor

R. do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C. — LISBOA

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

O GOVERNO INGLÊS E O GOVERRNO DO ULSTER

A QUESTÃO ANGLO-IRLANDESA

Lord Brikenhead diz que o conflito não se resolve brevemente

Em Belfast na semana finda morreram, devido aos disturbios, 14 protestantes e 14 catolicos

LONDRES, 28

Lord Birkenhead, Chanceler de Inglaterra, discursando sobre a questão Irlandesa, disse não ter nenhuma esperança que o assunto se liquide em breve. Disse que o ponto mais serio da questão, que se tratou na conferencia, foi o do estabelecimento de autoridade central «para todos os fins irlandeses». A imprensa inglesa refere-se á proxima publicação de importantes conclusões a que chegaram o presidente do governo inglês e o presidente do gabinete do Ulster.

Segundo noticias de Belfast, o resultado dos disturbios naquela cidade durante a semana foi de 14 protestantes e 14 catolicos mortos e 61 protestantes e 31 catolicos feridos.—(R.)

A luta em Marrocos

O que diz um prisioneiro

CEUTA, 28

Chegou aqui um soldado que pertenceu á guarnição de Kudio Radua, que estava prisioneiro ha dois anos e que conseguiu fugir com legionarios franceses que tambem estavam prisioneiros. Conta os seus longos sofrimentos do seu largo cativeiro em Faderut. Diz que esteve sempre a trabalhar rudemente com outros prisioneiros e com mouros delinquentes em numero de tresentos, tendo sofrido muitos maus tratos. Os nossos soldados receberam-nos carinhosamente.—(U. P.).

Desmentido a uma noticia

CEUTA, 28

A imprensa local publica cartas do chefe dos legionarios sr. Millan Astray e do chefe dos Regulares sr. Gonzalez Tablas protestando energicamente contra a falsidade duma noticia inserta num jornal espanhol, na qual se diz que estes dois oficiais não aceitam de bom grado os pedidos de oficiais que desejam ingressar naqueles corpos, se eles estiverem filiados nas Juntas de defesa—(U. P.).

As obras do porto de Ceuta

MADRID, 28.

A junta das obras do porto de Ceuta e a Camara Municipal daquela cidade têm celebrado sessões, em que se tem tratado da paralização das obras do porto, que deixam na miseria mais de mil familias operarias. Resolveram enviar a esta cidade uma comissão que solicite do govêrno que essas obras não sejam paralizadas.—(U. P.).

As baixas espanholas

MADRID, 28.

Os dados oficiais publicados sôbre as baixas das tropas espanholas em operações em Mellila indicam que os feridos são cêrca de 2.000 e que os mortos atingem 500.—(R.).

Os espectaculos mais alegres, mais artisticos e mais baratos são os do
COLISEU DOS RECREIOS

NA CONFERENCIA DE WASHINGTON

O DIA DA FRANÇA

"Não basta reduzir o armamento e os efectivos, é necessário criar uma atmosfera de paz"

DISSE ARISTIDES BRIAND NA TERCEIRA ASSEMBLEIA MAGNA

O delegado inglês afirmou que a França "nunca se encontrará isolada"

O dia da França, como lhe chama a imprensa americana, foi aquele em que o presidente do ministerio francês, Briand, expoz em Washington a necessidade que a França tem de manter o seu exercito.

Foi a terceira assembleia magna da grande conferencia americana. A multidão aglomerou-se fóra do edificio do monumento das Filhas da Revolução; dentro, a assembleia escutava em profundo silencio. Todos tinham o olhar fito no delegado da França.

«A França, disse este, vai representar-se a vossos olhos tal como é, tão disposta como qualquer outra a voltar-se para tudo que puder conseguir uma paz definitiva. Nada nos seria mais agradavel do que dizermos: «E' certo que vimos aqui depois de termos feito grandes sacrificios, mas obtivemos a segurança de pôrmos de lado as armas».

Infelizmente não podemos dizer isto. Não o diremos, não temos esse direito. Para se fazer a paz, é necessario que ela se faça entre os dois inimigos que estão frente a frente. Não basta reduzir os efectivos e o material de guerra, é precisa a atmosfera de paz. O desarmamento deve ser tanto moral como material. Ora a Alemanha não desarmou nem moral nem materialmente.

Não acrediteis que em nossos corações exista odio. A França não guarda rancor. Empregará todos os meios para dar por finda a serie de conflitos sangrentos com a sua vizinha. Mas não tem o direito de lhe pôr ao alcance, não tem o direito de se enfraquecer, porque só conseguiria com isso suscitar novas esperanças e ver surgir outros homens para fazer uma nova guerra.

Ha duas Alemanhas. Ha a Alemanha do chanceler Wirth que, proclama-o, está animada de boa vontade, e é leal e franca nós seus intuitos.

Mas ha tambem outra Alemanha, e esta não aprendeu nem esqueceu nada, e tem na alma os mesmos ruins fermentos do tempo dos Hohenzollern.»

Estas palavras foram acolhidas por uma salva de palmas.

«Poderão dizer-me, continuou Briand, que não basta que a Alemanha tenha maus intuitos; é necessario que tenha bom material; ora ela já o não tem.

E' um erro, senhores.

A Alemanha tem ainda á sua disposição sete milhões de homens que fizeram a guerra. Não estão arregimentados, é certo, mas estão nos quadros e podem ser mobilisados ámanhã.

E depois de ter demonstrado a força que reside nas agremiações militares da Reichswehr, da Eiwvohnerwehr, da Shicherheitspolisei, Schutzpolizer, por meio de estatisticas, lembra como da Alta-Silesia surgiram, de um dia para o outro, quarenta mil homens armados e equipados. O material tem pouca importancia. Tambem a França não tinha material quando começou a guerra e fabricou-o. Quanto mais facilidade não encontrará nisso a Alemanha, que é uma vasta fabrica e conserva todos os planos, orçamentos e medições de material de guerra.

Mas além da Alemanha ha ainda o perigo bolchevista. Foi o exercito francês quem lhe conteve os impetos quando o exercito vermelho se lançou contra a Polonia.

Toda a sala dá evidentes sinais de aprovação ao primitivo francês. Então Briand continua mais vibrantemente:

O perigo está em volta de nós, paira sobre as nossas cabeças. Sentimo-lo por toda a parte. Escutai! Tomei conta do poder para fazer a paz, trabalhei por ela ardua, ardentemente. Se a paz fôr amanhã perturbada, não será por mim. Mas olhai quão terrivel é a responsabilidade que me pertence, se o meu país fôr de novo atacado, invadido, mutilado, quando eu fosse o primeiro a proclamar que o trai.

E continuou em voz mais baixa:

Já desarmámos. Reduzimos o serviço militar de três a dois anos e vamos reduzi-lo a ano e meio. Ir além disto é impossivel. Não venho pedir-vos uma participação nos nossos perigos; compreendo que tendes preocupações mais graves. Mas por isso mesmo é preciso não regatear á França os meios de assegurar a sua segurança. O desarmamento moral da França seria o maior dos perigos. O isolamento da França seria ainda mais terrivel. A França tem necessidade de ter com ela o coração dos povos que combateram a seu lado. E' preciso que a Alemanha não tenha a sensação de que a França está isolada. Chegará a hora em que a paz estará assegurada em toda a parte. Essa hora ainda não chegou. Não comprometeis o momento em que ela há-de chegar. Tomai cuidado, não lhe deis um golpe, dando um golpe no armamento da França.

E Briand sentou-se, no meio duma grande ovação.

Imediatamente se poz de pé o enviado de Inglaterra para lhe responder.

Ao terminar o vosso discurso, sr. Briand, disse Balfour, *falou-nos do isolamento da França. Não! O mundo nunca verá essa tragedia. Pensais que a Inglaterra que fez o que fez na ultima guerra, que tambem teve milhares de mortos, feridos e mutilados, o permitiria?*

Julgais que o que fez não o tornaria a fazer?

Convenho em que um desarmamento naval é possivel, emquanto o desarmamento terrestre é muito mais dificil.

Então foi a vez de responder o americano Hughes:

O admiravel discurso de Briand será ouvido nos confins da America. Não seremos nós quem esquecerá os sacrificios inolvidaveis consentidos pela França, pela causa da liberdade. Aqui todos queremos a paz; queremo-la profunda mas tambem praticamente, e o melhor meio de assegurar a paz é o termos em conta as posições de todos os paises e os sacrificios que têm de se impor para alcançarem esta paz. A este respeito devemos os maiores agradecimentos a Briand pela sua exposição que ficará gravada na nossa memoria.

Os três homens foram comumente envolvidos nas aclamações da sala. O «comité» das cinco grandes nações reuniu no dia seguinte para tirar as conclusões desse debate.

ENCANAMENTOS PARA ÁGUA E GAZ
MOTORES, DINAMOS E VENTOINHAS
CANDIEIROS E LUSTRES PARA GAZ E ELECTRICIDADE
MATERIAL ELECTRICO E APARELHOS PARA LABORATÓRIOS
LEITE & ALMEIDA
Escritório e depósito: 120, R. da Prata, 122
TELEFONE N.° 3195
Oficina: L. de Santa Marinha, 26 LISBOA

ENTRE A INGLATERRA, A FRANÇA E A ITALIA

O TRATADO FRANCO-KEMALISTA

Uma opinião sobre a nota dirigida pela Inglaterra á França

O tratado, segundo se diz, é um obstaculo á realização da paz dos aliados no extremo Oriente?

LONDRES, 28

Segundo o correspondente diplomatico do «Observer» a nota dirigida pela Inglaterra á França sobre o tratado franco-kemalista abstem-se de entrar em discussão sobre detalhes a que a comunicação francesa faz referencia, e limita-se á questão fundamental, que é considerada em Londres como clara e de primeira importancia. A linha adoptada pela nota inglesa é a de fazer a França tomar a sua propria declaração;—visto ela declarar que o pacto de Angora não está em conflito com os principios da solidariedade dos aliados, que a sua importancia é simplesmente local e que é o passo para a realisação da paz geral dos aliados no extremo Oriente, pedir a Paris que explique como é que se chega a esta interpretação.

Continúa o mesmo correspondente dizendo que nos circulos do governo a opinião geral é que o tratado é um obstaculo á realisação da paz dos aliados no extremo Oriente, mas estão ansiosos que os convençam que não têm razão. Terá, pois, a França que provar as suas afirmativas, havendo dois metodos de o fazer, segundo o mesmo correspondente. O primeiro seria o governo francês desiludir os kemalistas por uma declaração clara e explicita de que o tratado de Angora não tenciona nem tencionava prejudicar de qualquer maneira a liquidação dos aliados com a Turquia. O segundo seria o governo francês consentir na reunião em breve dos governos da Inglaterra e da Italia para juntamente com o da França se chegar a essa liquidação dos aliados.—(R.)

EM ITALIA

Roubo de uma cruz de prata que vale cem mil libras

LONDRES, 28

Foi solicitada ao governo inglês a extradição de um negociante italiano de nome Attilio Franchi, de Glasgow, por ter em seu poder uma cruz de prata do decimo terceiro seculo avaliada em cerca de cem mil libras e que foi roubada da igreja de Borgo Collefargardo, em Aquila, na Italia, e que é uma das mais belas obras de arte daquele país.—(U. P.).

Mantero & Mendonça, Lt.ª
OFICINAS DE MECANICA, de carrosseries e pintura para
AUTOMOVEIS E CAMIONS
Rua Marquês Sá da Bandeira, n.° 61
(Ao Campo Pequeno)
TELEFONE 2:545 — N

As finanças

Ha uma comissão que estuda a revisão da lei do inquilinato. Essa comissão tem a singular caracteristica de se reunir e trabalhar. Nos jornais, e só pelos jornais o conhecemos, veiu a vaga noticia dum projecto. Não se estranhe que nos apressemos a fazer comentarios ao projecto, dele tendo apenas o vago conhecimento do noticiario.

As más novas longe vão, e por temermos que a má noticia contida nesses primeiros rumores do projecto venha a ser a unica coisa confirmada, desde já registamos o absurdo, acompanhado da nossa estranheza.

* * *

Pelas tais vagas noticias a comissão proposta no seu projecto de reforma da lei do inquilinato, aos proprietarios seria permitido elevar as rendas na proporção de 100,0|0 sobre o estatuido antes da guerra.

Simultaneamente, a contribuição predial seria aumentada, tomando por base, não o valor da renda, depois do aumento autorizado, mas sim, tomando por base a importancia pela qual as propriedades estivessem seguras.

Imagine-se o que daria esse criterio, sabendo-se que, embora o rendimento fosse precario, os proprietarios teriam de segurar as suas casas, pela avaliação que o encarecimento das construções determina actualmente.

Coagiu-os a isso, a letra da apolice e o espirito da propria industria seguradora.

O proprietario não é culpado de que a mão de obra e os materiais de construção, conjugados com o enfraquecimento da moeda, hajam feito subir o valor nominal da propriedade predial.

Para não serem ámanhã confiscados pelo incendio ou discutidos e lesados legitimamente pelo segurador tiveram de dar ás suas propriedades o valor «de hoje».

Se o Estado entende que o seguro é o «indice» do valor da materia colectavel, o Estado tem de permitir ao contribuinte que peça por esse valor o rendimento correspondente ao qne a Fazenda lhe exige em contribuição.

De outra forma daria destes absurdos: um predio em Lisboa rende actualmente sete contos; está seguro em 600 contos; a errata á lei do inquilinato autoriza o proprietario a elevar a renda a 14 contos; e em vez de o colectar pelo rendimento que tem, não senhor—colectá-lo-ia pelos 600 contos em que a lisura do segurado teve de avaliar o tal imovel junto do segurador.

E' verdade este absurdo?

Têm a palavra o sr. professor Caeiro da Mata; tem a palavra o sr. dr. Vaz Pereira, membros da comissão; tem a palavra a ilustre comissão.

CAMBIOS
DIA 28

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	58$000	60$000
Londres, cheque	5	4 7|8
» 90 d. v.	5 1|8	—
Rio Londres	7 7|8	—
Paris	$830	$860
Itália	$485	$500
Bélgica	$780	$800
Suiça	2$290	2$340
Espanha	1$670	1$710
Berlim	$040	$050
Holanda	4$305	4$410
Nova-York	12$040	12$350
Rio Brasil	$630	$600
T. Desc. Banco de Inglaterra	5	—
» » » Portugal	7	—
Ágio do ouro	1$000	1$200

O caso da Sociedade Nacional de Belas Artes

Um duelo em perspectiva e um comicio de intelectuais

O sr. Amilcar de Barros Queiroz enviou ao sr. Adães Bermudes duas testemunhas por ter considerado ofensivas algumas palavras que por este ultimo lhe foram dirigidas durante a reunião da assembleia geral da Sociedade Nacional de Belas Artes. Sabemos que essas testemunhas são os oficiais de marinha srs. Castelão de Almeida e Apelis Espanca.

Sabemos tambem que brevemente se efectuará um comicio publico de intelectuais no qual usarão da palavra os srs José d'Almada Negreiros, Celestino Soares, Gomes Mota e Julião Quintinha, Vão ser convidados os srs. Leonardo Coimbra e Afonso Lopes Vieira.

A crise em Cabo Verde

O governador de Cabo Verde insiste para que não sigam para ali mais funcionarios, tanto civis como militares, em vista da crise financeira que actualmente está atravessando aquela colonia.

A TARDE DE HOJE

A politica e as eleições

Consta que sucederá ao sr. Maia Pinto um ministerio democratico

presidido pelo sr. dr. Afonso Costa

Afasta-se cada vez mais o receio de novas perturbações da ordem publica. O ministerio Maia Pinto tem a existencia assegurada, pelo menos até á celebração do acto eleitoral. Sabemos ser intenção do sr. Maia Pinto, conhecida dos partidos constitucionais, apresentar ao chefe do Estado, depois das eleições realizadas, a demiasão colectiva do seu governo. A justificar o seu procedimento, ha o facto de considerar completamente cumprida, nessa altura, a dificil e espinhosa missão que foi chamado a desempenhar. Tudo indica que lhe sucederá no poder, um ministerio democratico, que cumprirá fielmente o programa da «frente unica» republicano-partidaria. Nos partidos constitucionais ha o maior desejo em que a presidencia desse governo seja entregue ao sr. dr. Afonso Costa, trabalhando-se já em tal sentido.

***

A despeito da liberdade concedida pela junta central do Integralismo Lusitano, aos seus correligionarios, de apresentarem ou não apresentar candidaturas no proximo acto eleitoral, sabemos que nenhum recorrerá ao sufragio popular. As nossas informações, ainda nos permitem assegurar que já foram dadas instruções aos nucleos integralistas da provincia, no sentido de colocarem á disposição dos candidatos catolicos, as influencias eleitorais de que disponham.

* * *

Hoje, pelas 14 horas, reuniu, num dos gabinetes do ministerio da Instrução, o grupo democratico dissidente. Presidiu o sr. Domingos Pereira, que ainda ontem conferenciou largamente com o venerando Chefe do Estado, Foi apreciada a situação politica e evidenciada a necessidade de uma aproximação entre os elementos republicanos, apresentando o sr. dr. Domingos Pereira a conveniencia de os seus amigos reingressarem no partido democratico, com o que estes concordaram.

Alguns dissidentes, embora poucos, não acompanham aquela atitude. Assim, os srs Braga de Carvalho e Alberto Tota vão aderir ao partido socialista.

As comissões politicas do P. R. P. vão ser convocadas para ámanhã, ás 21 horas, a fim de assistirem ao acto de reingresso dos dissidentes, que deve revestir uma certa solenidade.

* * *

Foi nomeado administrador do concelho de Camara dos Lobos, distrito do Funchal, o sr. Celestino de Vasconcelos.

* * *

A *frente unica* politico-partidaria começa a ser considerada, por alguns elementos republicanos, uma *frente parcial*... Assim, os partidos popular, reformista e presidencialista, que se consideram agrupamentos politicos tão constitucionais como os democratico, reconstituinte e liberal, protestam vivamente contra o facto de não terem sido convidados a entrar na coligação republicana.

Daqueles três pequenos partidos, o unico que concorre ás eleições é o *popular.* Talvez seja por ser tambem o unico que não possue, sequer, directorio...

* * *

Apesar do sr. dr. Julio Martins não querer ir ao futuro parlamento, um grupo de amigos politicos tenciona apresentar a sua candidatura a deputado pelo circulo da Horta.

* * *

É ámanhã nomeado governador civil de Portalegre, o sr. dr. José da Cunha Mota, delegado da república em Estremoz

* * *

O sr. Ribeiro de Melo, chefe de gabinete do sr. Maia Pinto, apresenta a sua candidatura por Gouveia.

A prisão dum jornalista

Foi hoje posto em liberdade o sr. Adelino Castel-Branco

Uma comissão de redactores e «reporters» dos jornais de Lisboa foi hoje pedir ao sr. dr. Barbosa Viana, director da P. S. E., a libertação do nosso camarada de imprensa Adelino Ferrão Castel-Branco, que ha dias se encontrava preso nos quartos particulares do governo civil.

Expostos os desejos da comissão pelo nosso colega Pinto Quartin, o sr. dr. Barbosa Viana declarou que, ainda que o motivo da prisão não fosse a publicação da carta em que o sr. Castel-Branco repudiava, em termos violentos, a suspeita que alguem lhe assacou, de pertencer á P. S. E., mas sim outros de ordem politica, ia imediatamente ordenar a sua soltura, pela muita consideração que lhe merecia o pedido dos representantes da imprensa.

Pouco tempo depois, o sr. Castel-Branco era restituido á liberdade.

A comissão era composta pelos srs. D. José Paulo da Camara, Nobre Martins, presidente da A. T. I., Pinto Quartin, Fausto Vilar, Amadeu Cesar da Silva, Gomes Monteiro, Jaime Valente, Guterre de Oliveira, Artur Ignez, Tito Martins (filho), José Joaquim de Almeida, Carlos Ornelas, Raul Lopes, Fernando Pardal, Ivo Monforte, Sousa Carvalho, Henrique Coelho, Alvaro Anselmo, Manuel Rodrigues, Antero Muralha, Lafayete Machado, Olimpio Ribeiro, etc.

UM ESCLARECIMENTO

O sr. José dos Santos, vereador da Camara Municipal enviou-nos uma carta em que pretende desmentir a entrevista que concedeu ao *Diario de Lisboa* sobre a viação aerea. Recordamos ao sr. José dos Santos que o nosso reporter declinou o nome do jornal a que pertence. De resto, a entrevista foi concedida, na presença de dois empregados do sr. José dos Santos, no seu estabelecimento da rua da Boa Vista, á 1 hora da tarde de sabado.

Uma casa recomendavel

Na rua Eugenio dos Santos — a eterna rua de Santo Antão, n.º 24, 2.º, está instalado ha um bom par de anos com uma excelente oficina de alfaiate o sr. José Pinto d'Azevedo, muito conhecido entre a rapaziada que gosta de vestir pela ultima moda, pelo «sobriquet» amavel de José do Porto,

Pois o José do Porto, que acaba de realizar um *tour de force* transformando completamente o seu *atelier* por forma a torná-lo um mimo de elegáncia e de bom gosto, convidou-nos há dias para uma vizita. Fomos. Fomos e demos o tempo por bem empregado Num scenario claro, vivo de luzes, ressáltaram á nossa vista curiosa, dispostos com verdadeira arte, lindos, magnificos sobretudos, fardamentos, fatos, e deliciosos vestidos para senhora e creança.

O José do Porto, louco de contente com a nossa sincera admiração, observou:

—Estava com medo de não ter realizado as minhas aspirações. Mas vejo que o meu amigo se sente satisfeito nesta sua casa,

—Deliciosamente arranjada, efectivamente. Felicito-o. Mas . . . os preços . . .

Sorriu o José do Pôrto com a sua habitual franqueza e ripostou:

—Bem sabe que eu ainda pertenço ao numero daqueles que se limitam a ganhar pouco.

E é verdade.

OS TEATROS VÃO FECHAR?...

A isenção temporaria de contribuições e o funcionamento do Coliseu

UMA CONFERENCIA COM O SR. MINISTRO DAS FINANÇAS

O que nos disse o actor Otelo de Carvalho

Os teatros de Lisboa estão a atravessar uma das suas mais graves crises. A concorrência é cada vez mais diminuta e todas as empresas lutam com um *deficit* diário considerável e que tende sempre a agravar-se. A intenção manifestada por vários empresários de encerrar, por um praso longo, as casas de espectáculo, é cada vez mais firme, devendo transformar-se dentro em breve numa realidade, se o auxílio do estado e a melhoria da situação política o não evitarem. Hoje, ás 13 horas, o sr. ministro das finanças, foi procurado por uma comissão constituida pelos srs. Otelo de Carvalho, do Salão Foz; Cesar Lemos, do Apolo; Armando de Vasconcelos, do S. Luís; Correia Mendes, do Eden; Luís Pereira (filho), do Politeama; Abílio Amaral, do Avenida e Robles Monteiro, de S. Carlos. O actor Otelo de Carvalho expôs circunstanciadamente ao sr. ministro das finanças a situação critica em que os teatros se encontram, pedindo-lhe a isenção temporária de contribuições. O sr. Peres Trancoso afirmou a sua boa vontade em atenuar essa crise, principalmente atendendo ao grande número de pessoas que vivem da indústria do teatro, e pediu aos comissionados que dessem á sua petição a forma de um memorial, sôbre o qual êle procurará pronunciar-se o mais rapidamente possível.

A comissão agradeceu ao sr. Peres Trancoso o interesse manifestado pelas pretensões dos empresarios teatrais, salientando, mais uma vez, o actor Otelo de Carvalho que, se êles recorrem, nesta hora de sacrificios gerais, ao Estado, é porque bem angustiosa consideram a sua situação. Amanhã, deve ser entregue ao sr. ministro das Finanças, ás primeiras horas da tarde, o documento a que acima nos referimos.

***

A' saída, um dos nossos *reporters* conseguiu trocar algumas palavras com o actor Otelo de Carvalho. Este, interrogado àcêrca dos factores da actual crise teatral, respondeu:

—Temos, em primeiro lugar, os boatos. Todos os dias se anunciam revoluções varias, para as primeiras horas da noite e, devido a isso, formou-se uma atmosfera de receio, que faz com que meio-mundo, em vez de se entregar ás habituais diversões, feche a porta com quantos ferrolhos tenha. Estão sempre á espera da *camionette*-fantasma... Depois, ha ainda o caso do Coliseu...

—Do Coliseu?...

—Claro! Não se pode compreender que uma casa de espectaculos importe, durante todo o ano, artistas estrangeiros que vêm prejudicar os artistas nacionais. E' o chamariz. Preços baixos, diversões ligeiras, vai tudo ali parar. Ora isto não pode ser! Nós tambem temos direito á vida. Porque se não faz como lá fóra?

—E o que é que se faz?

—Só se permite o funcionamento de circulos, numa determinada epoca do ano. Parece-me que é assim. E' natural que seja assim. Na Espanha, pelo menos...

E o actor Otelo de Carvalho rematou, já no automovel:

—E' rara a casa de espectaculos que não está a perder, diariamente, um conto de réis e mais. Compreende que não pode ser! . . . Emquanto tivermos, vamos cobrindo os prejuizos. E depois? . . . Não, não pode ser. Se o ministro das finanças conseguir a isenção de impostos, boa vai ela, apezar de o prejuizo subsistir, embora mais reduzido. De contrario . . . porta fechada. A cidade, á noite, ficará como que morta e o Estado terá de resolver o caso de centenas, talvez milhares, de pessoas, que não podem ficar á fome!

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

ARMAZENS DE PARIS, L.DA
Alfaiates mercadores para Homens e Senhoras em Tailleur
SOBRETUDOS, CAPAS Á ALENTEJANA, CASACOS PARA SENHORA
Uniformes militares — Especialidade em Estilos a Rigor — Completo sortimento de fazendas nacionais e estrangeiras vindas directamente dos Fabricantes
Enviam-se amostras para a provincia — PREÇOS SEM COMPETENCIA
217, R. DOS FANQUEIROS, 219 (2.º Quarteirão vindo da Praça da Figueira), Telefone C. 3427 --- LISBOA